

## Florestas da Ilha da Trindade: conhecendo para recuperar

Até o Século XVII, solos orgânicos profundos e exuberantes florestas cobriam uma grande parte da Ilha da Trindade. De certa forma era a mais “Atlântica” das matas. Seguiram-se três séculos de devastação, causada principalmente por grandes rebanhos de animais domésticos. Isso acarretou uma perda de biodiversidade e muitas espécies vegetais endêmicas tornaram-se ameaçadas ou mesmo desapareceram. Uma consequência menos conhecida dessa devastação foi a perda, por erosão, de boa parte dos solos férteis, que também mantinham uma reserva significativa de água doce.

A partir de meados do século XX, a Marinha do Brasil iniciou um longo processo de redução dos rebanhos invasores, que culminou em 2005 com a erradicação dos últimos vertebrados de grande porte: as cabras. Sobrou uma grande população de camundongos (*Mus musculus*), que chegaram à Ilha, acidentalmente, por naufrágios ou em alguma das tentativas de colonização nos séculos que se seguiram ao seu descobrimento. Intervenções visando à recuperação da biota terrestre foram iniciadas em 1994, quando se intensificaram as atividades de pesquisa do Museu Nacional (UFRJ), que realiza estudos na Ilha desde 1916. A partir de 1998, foram plantadas diversas mudas de árvores em caráter experimental, sendo que as espécies nativas, principalmente a Colubrina glandulosa, obtiveram maior êxito na germinação.

Em setembro de 2011, com a finalidade de devolver as florestas à Ilha, garantir suas reservas de água doce e recuperar sua capacidade de abrigar ninhas de aves marinhas raras e ameaçadas, foi firmado um acordo de cooperação entre a Marinha do

Brasil, o Museu Nacional e a Fundação SOS Mata Atlântica, integrando pesquisadores ao Programa de Pesquisas Científicas na Ilha da Trindade, o PROTRINDADE.

Restava saber se os solos comportariam um extenso reflorestamento e se os camundongos invasores impediriam a expansão natural das florestas. Entre fevereiro e março de 2012, uma equipe do Museu Nacional passou 16 dias percorrendo os locais mais remotos da Ilha, avaliando as alterações de cobertura e composição vegetal, a erosão dos solos, a presença de espécies vegetais raras e endêmicas.

Constatou-se que a área com solo orgânico e profundo restringe-se a menos de 10% da Ilha. Isto limitará a extensão do reflorestamento. A boa notícia é que a samambaia gigante (*Cyathea copelandii*) está se disseminando para muitas partes da Ilha, muito além das áreas onde ocorria até 2010. Essa espécie endêmica produz, ao longo de sua vida, uma quantidade muito grande de serrapilheira, o que ajudará a formar novos solos orgânicos, permitindo o avanço natural da floresta.

As mudas para o reflorestamento deverão ter um tamanho mínimo de 50 cm para não serem devoradas pelos caranguejos terrestres nativos (*Johngarthia lagostoma*), onipresentes na Ilha, os quais devoram “tudo” ao seu redor. Até a produção das mudas terá que ser realizada num viveiro especial, suspenso em cabos de aço, para que os caranguejos não as alcancem.

Em paralelo ao estudo prévio para o reflorestamento, está sendo realizado um estudo investigativo de toda a composição florística vascular nativa e invasora com o ob-

jetivo de descrever o estado atual da flora da Ilha. Esses resultados serão comparados com os coletados em 1994 e 1995, quando as cabras depredavam livremente a vegetação.

Na última expedição, de 2012, também foram colhidas amostras das populações isoladas de camundongos, ou seja, aquelas vivendo em localidades distantes e isoladas do Posto Oceanográfico da Ilha da Trindade - POIT, que fazem uso apenas dos recursos naturais da Ilha. O objetivo dessa parte do projeto é avaliar, através de análises de conteúdos estomacais dos roedores, quais espécies de plantas consomem, e em que proporção. Outro objetivo é obter uma estimativa do número de camundongos em diferentes partes da Ilha, no sentido de dar subsídio a um eventual projeto de erradicação desse roedor.

A última expedição observou que o reflorestamento da Ilha progride em paralelo à recuperação natural da vegetação. A pequena extensão dos solos disponíveis para o plantio de mudas permitirá a formação de núcleos de floresta. Esse plantio poderá ser executado, em parte, pela guarnição militar durante as caminhadas nas trilhas. A expansão posterior da cobertura arbórea deverá acompanhar a formação de solos orgânicos a partir da serrapilheira produzida pela samambaia gigante. A Estação Científica da Ilha da Trindade - ECIT e as parcerias firmadas desempenharão um papel duplo na Ilha, conciliando a pesquisa com a recuperação da natureza.

Por: Ruy José Válka Alves - Museu Nacional (UFRJ), João Alves de Oliveira - Museu Nacional (UFRJ), Nilber Gonçalves da Silva - Museu Nacional (UFRJ), Ruy Barreto dos Santos - 1ºSG-FN-IF.